

### Uma rede para descobrir a vizinhança

Federico Bastiani, um italiano de 37 anos, está há três anos a viver na via Fondazza, em Bolonha, mas mal conhecia os seus vizinhos. Acostumado às intensas relações humanas da pequena localidade onde havia sido criado, parecia-lhe que na sua cidade existia uma grande frieza, ou até indiferença, no contacto pessoal. Daí ter decidido, em 2013, criar um grupo fechado no Facebook com o nome de “residentes da via Fondazza”, e anunciou-o com cartazes colocados na zona. Esse foi o germen do projeto [Social Street](#).

Existem atualmente mais de 370 “ruas sociais”, a maioria delas em Itália, embora já se tenham estendido a lugares tão longínquos como Brasil, Grã-Bretanha ou Nova Zelândia. Envolvem no total mais de 20 000 pessoas. O sucesso deve-se em grande parte à sua simplicidade: cada grupo – formado sempre por vizinhos de uma pequena zona – organiza-se de forma completamente autónoma e define as atividades que melhor lhe convêm, desde saídas desportivas ou encontros culturais, até meros aperitivos entre vizinhos. O objetivo é recuperar o tecido da cidadania que, segundo Bastiani, caracterizou as pequenas localidades durante tanto tempo.

Diversamente de outros projetos similares como as comunidades de transição (localidades que se organizam para produzir e consumir produtos de forma ecologicamente sustentável), por trás da “Social Street” não há nenhum tipo de reivindicação ideológica. Trata-se apenas de fomentar as relações pessoais, aproveitando-se da plataforma que oferece o Facebook para organizar os encontros: o virtual ao serviço do cara a cara.

Até agora, o projeto foi financiado com os donativos dos utentes. Como explica Bastiani, talvez a plataforma como tal venha a passar de moda dentro de algum tempo e acabe por desaparecer; no entanto, se isto ocorresse, pelo menos teria servido para estabelecer relações entre muitas pessoas; além disso, cada comunidade poderia continuar a funcionar por sua conta sem quaisquer problemas.

Pode-se dizer que a “Social Street” pretende despertar uma necessidade de certa forma inibida pelas redes virtuais ao utente: a das relações cara a cara com o próximo (do latim *proximus*, perto). Foi dito que nunca como agora o ser humano é um “animal social” e, no entanto, é frequente que o homem moderno viva ligado a pessoas das quais está separado por milhares de quilómetros e isolado de outras com as quais

poderia interagir todos os dias, e cujas vidas poderia melhorar facilmente. Nada como a proximidade e o tempo juntos para que qualquer relação passe da superficialidade para a autenticidade.

Muitos perfis do Facebook ou de outras redes sociais são construídos como uma vitrine. A pessoa que está por detrás seleciona alguns traços ou referências “agradáveis à vista”, talvez ditados pelo politicamente correto ou pela simples moda do momento. O mesmo pode dizer-se dos comentários: às vezes, por detrás de alguns, percebe-se uma certa obsessão pelo “like” ou pelo “retweet”. O saber-se perante um público potencialmente imenso, não limitado por barreiras geográficas, pode gerar um “apetite social” desmesurado, que coaja a autenticidade e a profundidade pessoais. Contrariar esta tendência é o objetivo da [Mental Page](#), uma iniciativa “antifacebook”.

A “Mental Page” é uma plataforma para construir um “diário online” de uso estritamente pessoal. Conta hoje com mais de 10 000 utentes. O seu criador, um espanhol de 39 anos chamado Lorenzo Pastor, foi um dos empreendedores selecionados para a campanha “Hechos de talento”, que pretende promover a inovação espanhola no estrangeiro.

A definição da “Mental Page” como diário deve ser tomada em sentido amplo: quando alguém faz uma conta oferecem-se várias possibilidades. Uma é a de redigir eficazmente algumas notas sobre qualquer tema. Outro dispositivo funciona como agenda. Mas o mais original relativamente a outros serviços são secções como “listas e prioridades”, “metas” ou “controlo de crescimento”. Nelas, cada utente fixa determinados propósitos para a sua melhoria pessoal, que a seguir pode acompanhar e avaliar graças a gráficos e tabelas.

Segundo Pastor, esta ferramenta – a meio caminho entre o diário e o exame de consciência – pretende ser como um antídoto contra o exibicionismo que caracteriza grande parte do que ocorre nas redes sociais. Tentar parecer engenhoso ou interessante a todo o custo condena muitas vezes à superficialidade. Num mundo virtual que gira em torno do botão “partilhar”, e onde a privacidade só é invocada quando se procura defendê-la de uma intromissão, a “Mental Page” quer resgatar o sentido positivo da intimidade: cuidar da parte mais profunda e reflexiva de si mesmo e, para isso, fomentar primeiro a reflexão sobre prioridades na vida.

De algum modo, pode-se dizer que as criações de Bastiani e Pastor partilham uma mesma intenção: contrariar o anonimato e uma “atitude de pose” que tantas vezes falseiam as relações pessoais na rede; aproximar o mundo virtual da vida real. A primeira é uma aposta na proximidade e no cara a cara perante os amigos virtuais que não exigem nenhum compromisso; a segunda oferece ao utente um espelho para onde se olhar sem a pressão de ter de agradar aos outros.

## Grécia e Alemanha: uma guerra sem pólvora

Um casal alemão apresentou-se num município grego para “pagar a conta”. A notícia é que ambos, tendo conhecimento da reclamação de Atenas a Berlim referente a um “empréstimo” concedido pelo Banco Central helénico à Alemanha nazi em 1942, decidiram pagar a sua parte: dividiram, entre o total da população germânica, a soma de 11 000 milhões de euros que a Grécia considera ser-lhe devida, e entregaram a título pessoal 900 euros.

A atitude dos doadores espantou os gregos, e deve ter surpreendido os alemães, uma maioria dos quais (68 %, segundo o canal televisivo ARD) não quer ouvir falar de perdão ou redução da dívida que “esses preguiçosos” contraíram com a Europa, e menos ainda quando se escondem atrás de assuntos tão longínquos no tempo.

O que se passa entre a Grécia e a Alemanha é um conflito sem cheiro a pólvora, mas existe conflito. De argumentos históricos, por exemplo. A ocupação alemã do país mediterrâneo foi particularmente cruel, com o seu rastro de 300 000 pessoas mortas por fome, além de outras 130 000 assassinadas em ações de represália, e o virtual extermínio da sua população judaica.

Depois da vitória aliada, Bona pagou reparações de guerra, inclusivamente à Grécia. Mas a solução daquela outra espoliação disfarçada de empréstimo, que os nazis impuseram para “gerir” o país ocupado, foi sempre deixada para mais tarde, para quando a Alemanha se reunificasse, na crença de que isso ocorreria – e nunca a expressão foi mais adequada – “nas calendas gregas”. Mas já passou um quarto de século que isto sucedeu, e o dinheiro não regressou.

Para muitos na Alemanha, a questão ficou resolvida com as reparações de guerra. Todavia, algumas vezes admitem que se trata de um assunto separado. Reconhecem-no políticos sociais-democratas, do Partido Verde e do Die Linke (A Esquerda), mas tem primazia a opinião de que Atenas deve enterrar o passado, olhar para a frente e não andar a vasculhar na carteira de outros.

A guerra também acolhe estereótipos. A imagem de uma extasiada Ângela Merkel, de pé entre oficiais nazis que conversam na Acrópole ateniense, foi capa da “Der Spiegel”. Evidentemente que terá arrancado risos de aprovação aos

gregos, mas é um cliché banal que dá asas aos que vociferam acriticamente contra os alemães por qualquer assunto: se um intelectual alemão critica a presença militar israelita nos territórios palestinos, provavelmente é-lhe atribuído o qualificativo de “antissemita”, e se a seleção alemã de futebol se atreve a ganhar qualquer torneio, alguém ataca nas redes sociais: “Estes nazis de...!”.

Há edifícios que a História constrói. Talvez por isso, na minha breve estadia em Berlim e Hamburgo, pude perceber um certo estado permanente de vigília e de expiação pelo passado, que os meios de comunicação social, tanto como certos edifícios em ruínas que narram ao transeunte o horror da guerra, se encarregam de recordar. Interessa deixar claro que “nós não somos aqueles”.

Sim, há construções falsas, e assim como não se pode concluir que todo o habitante do Mediterrâneo sentado numa varanda e a beber cerveja seja um vago impenitente – um pensamento tentador, atizado pelos diários sensacionalistas germânicos –, muito menos se pode estar a adivinhar em cada alemão a sombra do criminoso que se suicidou no bunker da Chancelaria em abril de 1945.

Por último, o choque é também de egoísmos, de uma falta de generosidade que pode vir a ser suicida. Não, ninguém esquece os erros gregos. Sabe-se que os governos, tanto socialistas como conservadores, estiveram a mentir durante muito tempo, aldrabando as contas que eram entregues periodicamente ao Eurostat, escondendo buracos que, a terem sido conhecidos, teriam demorado a entrada do país na moeda comum, e fingindo ignorar os escandalosos níveis de evasão fiscal.

As penosas circunstâncias que, conseqüentemente, afetam os gregos, são visíveis. Mas, que fazer? Continuar a assistir ao espetáculo de como se vai afundar um país que não pode sequer pagar salários se não receber a transferência de Bruxelas, e que ainda menos poderá devolver a sua avultadíssima dívida? Onde fica, entre estes destroços, a credibilidade do projeto comunitário, com os seus declarados princípios de “unidade, solidariedade e harmonia entre os povos da Europa”?

Haverá que diferenciar entre o justo e o necessário. Talvez não seja exatamente justo perdoar dívidas aos que fizeram as coisas tão mal, como muito menos foi justo que, em 1953, os credores de uma Alemanha destruída e empenhada até ao pescoço, lhe tivessem diminuído o montante da dívida e feito depender a sua devolução do desempenho económico do país devedor, que assim cresceu a exportar, encontrando nos seus mutuários, ávidos por receber, os seus principais compradores.

Por acaso o país que desencadeou o pior conflito da história da humanidade merecia algum tipo de cortesia? Merecê-lo, não, mas necessitava. A verdade é que a asfixia e o desespero não eram a solução, nem para a Alemanha, nem para os que se relacionavam com ela. Como não o são para a Grécia – que muito menos “merece” demasiado, mas

“necessita” –, e para o mostrar aí está, sentado nos 18 lugares do seu Parlamento, o primeiro “dano colateral” da falta de solidariedade europeia: o partido neonazi Aurora Dourada.

Uma docente alemã adverte-me, sobre o tratamento preferencial dos credores após a II Guerra Mundial, que “não podes comparar 1953 com 2015”. Pode ser. Mas se deixarmos os factos do passado empoeirados numa estante, o impulso de se deixar arrastar por complexos, mitos e egoísmos, numa Europa que passou a maior parte da sua história a desembaraçar-se dos seus trastes velhos, fará com que venhamos a ser muito ambiciosos se lhe continuarmos a chamar, talvez por motivos formais, “União”.

L. L.

(com autorização de

[www.aceprensa.pt](http://www.aceprensa.pt))

## Não manipulemos a nossa herança genética

Alterar o genoma humano de modo que a melhoria conseguida se transmita aos descendentes é uma das grandes metas do pós-humanismo. E justamente quando se dispõe de técnicas para consegui-lo, destacados cientistas, entre eles alguns que as criaram, pedem que ninguém as use de momento.

Até há pouco tempo, mudar o ADN de um ser vivo era viável somente nalguns casos, como os que se aplicam em terapia genética. Utilizando ADN recombinante ou retrovírus, é possível atuar sobre determinados segmentos do genoma. Mas introduzir qualquer modificação em qualquer lugar de um cromossoma era demasiado difícil. A principal dificuldade era a precisão: colocar a nova sequência de ADN justamente no lugar desejado.

Duas técnicas, os dedos de zinco e os processadores de efeitos TAL, resolveram o problema, mas têm uma complexidade e um custo tão grandes que se tornam pouco práticas. Por fim, em 2012, as professoras Jennifer Doudna (Berkeley, EUA) e Emmanuelle Charpentier (Universidade de Umeå, Suécia), inventaram um método preciso, relativamente fácil e barato. Chama-se CRISPR-Cas9 e, em resumo, aproveita uma propriedade das bactérias, que “memorizam” o genoma dos vírus que as atacaram para se defenderem deles na vez seguinte. Nalguns poucos casos falha, ao cortar o genoma de destino por um lugar errado. Fora isso, as experiências com animais tiveram sucesso.

Parece claro que também funcionaria em humanos e permitiria atuar sobre as células germinativas, de modo que a modificação feita numa pessoa passaria à sua descendência. Mas a própria Doudna e outros cientistas não acolhem esta

possibilidade com o entusiasmo dos pós-humanistas. Pelo contrário, num manifesto publicado em 19 de março de 2015 na “Science”, defendem uma moratória indefinida sobre a manipulação das células germinativas. O mesmo declararam uma semana antes na “Nature”, outros investigadores que desenvolveram a técnica dos dedos de zinco.

Nomeadamente, os que escrevem na “Science” receiam que o método CRISPR-Cas9, por ser simples e barato, comece a ser usado em seres humanos antes de se comprovar se é seguro. Não se opõem apenas à utilização em células germinativas com fins de eugenia, que poderia desencadear a transmissão imparável de uma anomalia que se manifestasse a longo prazo. Também vetam por agora as aplicações terapêuticas: advertem que substituir um gene defeituoso por um normal parece inócuo, mas não é seguro que o seja.

A moratória proposta não tem força vinculativa, mas cumprir-se-ia facilmente onde os ensaios com pessoas estão submetidos a regulamentação estrita. Aquilo que preocupa estes cientistas é que alguns colegas irresponsáveis se aproveitem da frouidão das leis noutros países (há rumores de que na China tem sido utilizado o CRISPR-Cas9 em embriões humanos).

As razões que alegam não se encontram em sintonia com o pós-humanismo. Um dos subscritores, o especialista em células estaminais, George Daley, diz que é necessário verificar “se vamos dar o passo transcendental de modificar a nossa linha germinativa e, de certa forma, assumir o controlo do nosso destino genético, algo que constitui um perigo enorme para a humanidade”.

## “Dois dias, uma noite”

“Deux jours, une nuit”

Realizam: [Jean-Pierre Dardenne](#), [Luc Dardenne](#)

Atores: Marion Cotillard, Fabrizio Rogione

Duração: 95 min.

Ano: 2014

Este filme começa com o despedimento de uma funcionária, casada e com dois filhos. Recuperara de uma depressão e recebe essa notícia numa sexta-feira. Falando com os colegas, descobre que a decisão partira de um dos responsáveis da fábrica. A razão era a de que para se poder pagar um bónus aos trabalhadores, era necessário despedir alguém e com esse dinheiro poupado, dar aos outros. Os funcionários tinham feito uma reunião na sua ausência, votando para que fosse ela a despedida...

Ela não desiste e fala com o máximo responsável da empresa. Explica que a reunião fora manipulada e pede tempo para esclarecer os colegas. O chefe aceita dar-lhe o fim de semana para que fale com todos. Marca nova reunião onde votassem

se aceitavam prescindir do bónus salarial para que ela não perdesse o lugar. Assim, ela vai investir o sábado e o domingo em ir ter com cada colega. Visita-os “no espaço” de cada um. Fica-os a conhecer melhor e eles a ela... apresenta as suas razões, negocia e escuta... luta pela sua família e pelo seu trabalho.

Na segunda-feira há nova reunião com todos e uma conversa a sós com o chefe. A decisão final é tomada, mas agora os vários implicados sabem bem o que fazem.

O “clima laboral” não se cria em abstrato, mas com gestos concretos...

### Tópicos de análise:

1. É lucrativo dar mais atenção às pessoas que aos números.
2. Atuar de um modo transparente fomenta a confiança entre todos.
3. Lutar por um objetivo superior aos próprios interesses é motivador.

### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

